

relação a qualquer fonte externa de saber. O verdadeiro Mestre, por sua vez, ensina a aprender, e faz com que o aluno aprenda a aprender conscientemente, a partir da sua interação com todos os seres, inclusive aqueles que não são seus amigos.

O verdadeiro mestre é, pois, transcendente. Ele atua em cada aspecto da vida. O mestre dos mestres é nosso próprio eu superior, a voz da consciência, o centro de paz e a fonte de ética que há no âmago da alma. A função dos Mestres de Sabedoria que inspiram o movimento teosófico é apenas dar elementos para que os níveis superiores da inteligência humana sejam ativados com autonomia pela consciência de cada um.

Levando em conta estes pontos básicos, podemos observar e compreender melhor o seguinte trecho da literatura budista:

**“Faze de tua pele esfolada um pergaminho,
Faze de teus ossos a pena,
Faze de teu sangue a tinta
E com eles escreve as palavras do Mestre.” [1]**

A imagem significa que, para trilhar o Caminho, é recomendável deixar de lado a comodidade e a preguiça que são típicas do eu inferior. Deste modo, poderemos expressar no plano físico a substância do plano espiritual.

NOTA:

[1] Do livro “Buda e o Budismo”, de Maurice Percheron, Editora Agir, RJ, 1958.

Lei do Carma: Castigo ou Aprendizado?

Função da Lei é Tornar Todos os Seres Mais Sábios

A ideia de que a lei do carma “pune” e “dá recompensas” individuais é simbólica. Como todo símbolo, ela não deve ser vista de modo mecânico. A visão fatalista do carma apenas atrapalha a evolução. Para compreender a lei do equilíbrio e da justiça, é preciso perceber de que modo ela funciona. Ela se desdobra através de uma onda dinâmica e complexa de acontecimentos e inter-relações, no contexto amplo da vida.

O carma não é, pois, uma linha puramente individual de ações e reações. É verdade que há uma linha individual de plantios e colheitas. Esta linha cármica apresenta ações e reações reguladas pela lei da justiça e do equilíbrio. Porém, visto em profundidade, o carma é fundamentalmente coletivo, embora tenha uma forte componente individual. É desse fato que surge a Lei da Fraternidade Universal. Tudo se comunica, no planeta e no universo, e todos os seres vivem em unidade. Esta comum-unidade implica uma troca e uma interação constante entre todos os seres, regulada pela lei da reciprocidade. Portanto, os carmas individuais dialogam entre si o tempo todo, influenciando uns aos outros. O carma individual só se desdobra segundo as possibilidades oferecidas pelo carma coletivo.

A literatura teosófica ensina que a humanidade inteira compartilha hoje o carma da quinta raça-raiz e da quinta sub-raça. Num ciclo menor, a humanidade está atada ao carma da civilização atual, com suas vantagens e desvantagens. Existe uma estrutura média das famílias, uma capacidade média de amor dado a cada criança que nasce, e uma série de determinantes e condições culturais, entre outros numerosos fatores.

Vejam os um exemplo concreto de um carma que não é puramente individual. Examinemos o caso do nascimento de uma criança autista. Além de este ser um evento cármico que tem uma linha “individual” de ações e reações do eu superior que “nasce” como criança autista, o acontecimento é também um carma do pai e da mãe, da família, e da sociedade em que nasce o autista. É um bom carma, embora traga sofrimento, porque constitui um evento cheio de possibilidades de aprendizagem. E é algo que está longe de ser puramente individual. Os indivíduos que nascem hoje com limitações são exemplos de falências cármicas coletivas. Nada ocorre por acaso, e esta é uma herança humana. Neste exemplo, também, os fatores coletivos existem ao lado das dificuldades individuais do eu superior que não consegue renascer completamente.

Há também outro aspecto relevante na abordagem da lei do equilíbrio. A palavra “punição”, aplicada ao carma desagradável ou doloroso de alguém, é uma expressão infeliz e ineficaz porque sugere que as dificuldades da vida sejam “castigos”. A verdade é outra. Não existe qualquer Deus pessoal e monoteísta cuja ocupação predileta seja “punir” ou vingar-se das pessoas que o desagradam.

Uma Escola de Almas

Não há punição. Há lições. A vida não é um sistema penitenciário. A vida é uma Escola de Almas. Falar em punição sugere uma visão autoritária da vida. Na medida em que falarmos de carma como punição, estaremos usando uma linguagem simbólica. Vamos encontrar esta metáfora na literatura teosófica clássica. Mas esta não é a única forma possível de descrever a realidade, e a linguagem do século 21 deverá ser a linguagem da pedagogia, do aprendizado, do despertar da consciência. Linguagem simbólica à parte, a lei do carma é sobretudo a lei do aprendizado. O nosso planeta é uma grande escola de almas. Nele, há lições lentas para os alunos mais “difíceis”, e há lições mais rápidas para os alunos que aprendem por mérito próprio e através de um esforço consciente. Alguns eventos são agradáveis, outros desagradáveis, mas todos trazem lições, e qualquer experiência humana em que não houvesse alguma dimensão de ensino e de aprendizagem seria uma experiência inútil.

As lições cármicas são basicamente coletivas, como vimos, porque tudo está interligado. O próprio eu separado é, tecnicamente, uma ilusão. Só o eu superior é real, e ele é universal, não-separado. Portanto, o carma “separado” não existe. O carma individual não só está ligado ao carma coletivo, mas depende inteiramente dele para desdobrar-se. O carma de alguém só existe em um cenário coletivo com o qual ele dialoga e interage o tempo todo.

Um estudante atento de teosofia evitará, portanto, cair na ilusão de pensar que, “se alguém nasce autista, a culpa é do autista, e a alma da criança deve estar sendo castigada por algum erro do passado”.

Isso seria o mesmo que dizer, fazendo uma generalização, que, se os negros eram oprimidos durante a escravidão, a culpa era deles; se os judeus eram perseguidos, a culpa era deles, se os trabalhadores sofrem com o desemprego e os salários baixos, a culpa é deles - e quando alguém é roubado ou assassinado, a culpa é da vítima. “Se alguém está sofrendo, é porque errou”, dizem os desinformados.

Tal raciocínio não é só simplista, mas também perverso e anti-evolutivo. Nem tudo é colheita, no carma. Longe disso. Há inúmeros erros novos sendo plantados o tempo todo. Há centenas de milhares de novas injustiças sendo cometidas pela primeira vez. Todos estes desequilíbrios terão que ser reparados e compensados a seu devido tempo. A função de quem busca a sabedoria é colaborar com o equilíbrio e a justiça. Não é justificar o sofrimento que pode ser evitado, adotando uma postura destituída de solidariedade.

Assim, nem todos os que nascem como autistas ou com limitações físicas estão “colhendo o que plantaram”. Muitos são vítimas de circunstâncias alheias a seu carma pessoal e por isso serão devidamente recompensados no futuro.

Só o ponto de vista da solidariedade universal entre todos os seres - também chamada de Compaixão - permite compreender a essência da filosofia esotérica. O carma é inseparável da compaixão. Sem compaixão não há vida inteligente. O carma humano é fundamentalmente um só, e é precisamente por isso que a humanidade evolui através da ajuda mútua e da solidariedade. Este é o ensinamento dos grandes instrutores de todos os tempos.

No plano individual, os seres humanos colhem, em geral, algo compatível com o que plantaram. Mas o processo está interligado a muitos tipos diferentes de carma coletivo, e não há uma correspondência imediata, direta ou mecânica entre o plantio e a colheita de um indivíduo. Os seres também colhem o que não plantaram, o que será compensado mais adiante, tanto no caso da colheita imerecidamente dura, como no caso da colheita imerecidamente agradável. Assim, quando alguém deseja que lhe ocorram coisas agradáveis antes de examinar se as merece, está apenas desejando gastar antecipadamente o seu carma positivo. Caso isso ocorresse, o resultado seria um futuro especialmente doloroso devido ao gasto exagerado de carma positivo.

Não há, pois, carma bom e carma ruim. Todo carma é bom, no sentido de que todo carma traz lições a quem tem olhos para ver. O que existe, isso sim, é carma agradável e carma desagradável. E nem sempre o que é agradável é bom. Inúmeras vezes o carma desagradável faz alguém despertar, enquanto o carma agradável adormece e entorpece o indivíduo.

A Bicicleta em Movimento

Um dos princípios fundamentais da filosofia esotérica ensina que, através da lei da reencarnação, todo o esquema da natureza funciona e evolui de modo perfeitamente justo. Este axioma da sabedoria eterna necessita ser examinado com bom senso. De fato, todo o esquema da natureza é

justo. Disso não há a menor dúvida. Mas ele é justo no sentido de que está sempre corrigindo a si mesmo, e não no sentido de que faz perfeita justiça em cada um dos seus momentos, vistos isoladamente.

Podemos comparar isso com o modo como alguém anda de bicicleta.

O carma é, de fato, como uma bicicleta em movimento. A roda da frente, a roda do carma, está sempre pendendo para um lado e para o outro. Ela nunca está em perfeito equilíbrio, mas sempre compensando desequilíbrios. A perfeição está, pois, no processo pelo qual a roda da frente da bicicleta corrige sempre cada um dos seus erros.

Buscar a sabedoria é obter o equilíbrio na roda da vida, e aprender a corrigir as imperfeições. Há erros o tempo todo. Pessoas sofrem injustiças. Populações inteiras são roubadas por governantes criminosos. Os exemplos são fáceis de identificar. Seria equivocado dizer que cada sofrimento que ocorre é justo ou necessário. Ao contrário: a lei do carma é, entre outras coisas, a lei da compaixão. Ela estabelece que as almas mais experientes e mais sábias devem lutar pela eliminação da causa do sofrimento.

Há uma ideia-chave que ajuda a compreender este fato. Compaixão não é negar o carma dos erros passados de ninguém. Compaixão é criar oportunidades para que este carma, ao invés de ser “punido”, seja compensado através de uma aprendizagem positiva. Neste caso, o indivíduo pratica, na vida seguinte - ou na fase seguinte da mesma vida - o bem oposto ao mal cometido, conforme recomenda a Ioga de Patañjali.

A Raja Ioga ensina que se deve substituir o pensamento errado pelo pensamento correto que se lhe opõe. Assim também deve-se compensar a ação errada pela ação correta que lhe é oposta. Se alguém comete um erro em uma encarnação, trata-se de construir condições cármicas para que esta pessoa, como todas as outras, possa ser levada na vida seguinte a cometer o bem oposto, e não a sofrer mecanicamente o mesmo erro na condição de vítima, e tampouco a repetir o erro. Para isso, é necessária a prática da fraternidade universal como um princípio inseparável da justiça. Deste modo se construirão condições para que todas as novas gerações possam compensar os erros e limitações de vidas passadas de modo construtivo, e não destrutivamente.

Como diz em seu capítulo 53 o Wen-tzu - uma obra clássica do taoísmo filosófico - é recomendável criar condições culturais e coletivas que dêem oportunidades às pessoas para agirem de modo virtuoso e correto. Elas devem resgatar os seus erros colocando em prática as ações corretas que lhes correspondem simetricamente. A sabedoria esotérica ensina que um erro não justifica o outro, e vingança não é justiça. A cada erro corresponde a boa ação que o compensará. Só a boa ação adequada eliminará o carma da ignorância. A mera punição não liberta: a aprendizagem, a ação correta, sim.

O Carma e o Recuo da Arma

No caminho espiritual, é normal que durante algum tempo as boas ações sejam “recompensadas” apenas com mais sofrimento. Isso não ocorre porque “a vida é cruel”, como pensam alguns desanimados. Ocorre porque o bom carma não amadurece de imediato. Longe disso. Ao

amadurecer lentamente, o carma funciona de modo a evitar que os avanços do peregrino no caminho espiritual sejam superficiais, ou aconteçam sem os devidos testes.

A demora no amadurecimento do carma não é o único fator que testa a perseverança. A cada passo adiante no caminho do autoconhecimento, é atraída uma força igual no sentido contrário. Em consequência disso, o estudante deve estar preparado para o “recuo da arma”, tanto no plano físico como nos planos emocional e mental. A lei do carma é a lei da reciprocidade. A cada ação corresponde uma reação que virá testar, no mesmo plano da realidade, a força da sua decisão no sentido de trilhar o caminho de modo durável.

Não há avanço “fácil” ou “gratuito” que seja sólido no caminho espiritual. É necessário avançar de modo consistente, passo a passo.

Deve-se ter uma vontade incondicional, capaz de ganhar força cada vez maior nas dificuldades. A natureza da felicidade do estudante deve ser estável, isto é, independente das marés externas da vida. É esse realismo que diminui radicalmente o tamanho das decepções, e que aumenta, por outro lado, a solidez e a durabilidade das vitórias. (U. E. de T.)

Os Limites da Infância

Duas Questões Sobre o Sentido de Responsabilidade

Há certas perguntas que podem fazer o estudante pensar mais profundamente sobre a vida. Vejamos dois exemplos.

1) “Quais são os limites adequados para o meu envolvimento com coisas do plano físico e emocional?”

Nem sempre é fundamental comprar aquele carro novo com dezenas de prestações mensais capazes de comprometer o sono e a paz de espírito de qualquer cidadão responsável. Talvez não seja necessária aquela reforma detalhada da casa ou apartamento em que moramos. Mesmo no plano emocional, cabe examinar até que ponto assumimos compromissos que são coerentes com nossa jornada pelo caminho da sabedoria. É limitado o número de pessoas que podemos ajudar no plano pessoal sem perder a eficiência na tarefa. Talvez seja mais eficaz a ajuda feita desde os planos superiores de consciência. O que as pessoas mais necessitam é de um contato ampliado com suas próprias almas, e a teosofia possibilita este processo. Não há nada de errado com cuidar de algumas tarefas no plano físico, ou emocional. Ao contrário. O problema surge quando o indivíduo é asfixiado interiormente por elas, ou quando elas são uma forma de fuga do confronto com as grandes questões da vida, que dizem respeito à relação do indivíduo com sua alma imortal.

2) “É possível que alguém chegue aos 80 anos de idade sem ter saído da infância?”

A infância física é uma coisa, a infância espiritual é outra. Pode-se passar a vida toda cuidando de coisas de curto prazo e morrer aos cento e vinte anos de idade lamentando porque não houve tempo suficiente para cuidar de sequer metade das “coisas que têm que ser cuidadas”.

A opção filosófica é diferente. A filosofia ensina a moderação e a renúncia em relação aos objetos do plano físico ou pessoal. Os estudantes de teosofia percebem, gradualmente, que são apenas hóspedes. Estão de passagem no plano físico. Nada “pertence” efetivamente a alguém. Nem sequer as pessoas mais íntimas são de alguém. Essa constatação desperta no estudante uma certa humildade diante do mundo físico, e ele passa a aceitar mais facilmente a simplicidade voluntária.

Quando percebe de fato que a vida física é apenas uma hospedagem passageira, o indivíduo passa a cuidar daquilo que é efetivamente seu, isto é, a sua responsabilidade perante seu próprio eu superior, o seu “pai espiritual”, ao qual terá que prestar contas ao final da encarnação.

Esta prestação de contas é muito mais do que um relatório existencial feito pelo discípulo (o eu inferior) ao Mestre (o eu superior). O conteúdo do relato determinará o rumo e o conteúdo do longo processo pós-morte. Além disso, definirá as condições objetivas e subjetivas da próxima encarnação.

A decisiva responsabilidade individual perante o seu próprio eu superior é, portanto, algo que pertence de fato a cada um. Na ausência desse sentimento, a vida é uma série de infantilidades. Um dia chegará a crise da adolescência para a alma que reencarna, e então ela terá de enfrentar a perspectiva da vida adulta.

Através da perseverança, o estudante que é sincero consigo mesmo vence, um a um, os desafios que emergem no Caminho. A intensidade no esforço, de um lado, e o desapego em relação a resultados de curto prazo, de outro lado, são fatores que permitem a ele criar o bom hábito de vencer os desafios. Deste modo ele constrói o seu mundo no plano em que as coisas construídas duram. Isto é, o plano do eu superior.

A Força de Vontade e a Ioga das Iogas A Essência do Movimento Teosófico

Talvez a Raja Ioga, “a Ioga das Iogas”, possa ser definida como a dimensão interna do movimento teosófico.

Na primeira fase do contato com a sabedoria, amplia-se a visão de mundo. O estudante deixa de identificar-se exclusivamente apenas com esta ou aquela religião ou filosofia. Ele aprende a ver tanto o joio como o trigo, tanto o erro como o acerto, em cada área de conhecimento humano. Ele passa a pensar e avaliar todas as coisas.

Mas o aprendiz precisa tanto de expansão como de concentração. Sístole e diástole são, ambas, indispensáveis. Se a teosofia amplia radicalmente os horizontes, ela também deve nos levar a uma concentração e a uma força de vontade muito maiores do que as que havia antes da ampliação de horizontes. E nisso há um teste e uma provação.

O perigo é permanecer entusiasmado com a nova amplidão de horizontes e deixar de firmar a vontade. Neste caso o aprendiz esquece o lema do filósofo Epicteto:

“Devemos fazer aquilo que depende de nós e não perder energia com aquilo que não depende de nós”.

Como, então, ter um horizonte amplo sem cair na mera dispersão? Como desenvolver a força de vontade, possuir uma meta clara e produzir fatos concretos na direção buscada, que é nobre e elevada? De que modo se pode construir algo, de fato, ao invés de apenas coletar informações sobre o que está ocorrendo aqui ou ali?

Onde construir, se não dentro de nós mesmos e na nossa relação com o mundo? O que construir, exceto uma consciência compartilhada da fraternidade universal e de responsabilidade pelo futuro? Quem poderá construir, se não for cada um de nós? Quando construir, se não for agora? [1]

Uma vez obtida uma percepção ampla e fraterna e consolidada uma visão de longo prazo da vida, talvez a tarefa seguinte seja desenvolver uma firme força de vontade e colocá-la a serviço do projeto de busca ativa de sabedoria interior. Este é um tema central da Raja Ioga. Nesta caminhada, devemos agradecer sempre aos obstáculos, porque, graças a eles, a Vontade se fortalece.

NOTA:

[1] Estas perguntas estão parafraseando pensamentos do grande rabino Hillel, citados no Talmude. Veja o livro “A Ética do Sinai”, de Irving Bunim, Ed. Sêfer, SP, p. 54.

O Vazio do Mundo das Formas

Conta-se que em certa ocasião Ananda, o discípulo, pediu a Gautama Buddha que lhe ensinasse a prática de samatha, de samapatti e de dhyana. A prática leva à iluminação. [1]

Como toda verdadeira ação meditativa, esta disciplina está ligada ao desapego. E desapego, ou vairagya, é central em teosofia. Vejamos, então, algo sobre estes três fatores da caminhada.

1) Samatha; é o estudo meditativo de tudo o que há como sendo vazio ou imaterial.

O leigo pensa que as coisas e seres têm substância própria, mas eles não têm.

2) Samapatti; é o estudo meditativo de tudo o que há como sendo irreal, transitório ou temporário.

Não é difícil perceber que todos os seres e objetos perceptíveis são impermanentes. Inclusive aquele que observa o fato da impermanência. No entanto, a essência do observador, a “testemunha interna”, permanece.

3) **Dhyana; é o estudo meditativo da unidade entre os dois pontos anteriores.**

A palavra “dhyana” é normalmente traduzida como “meditação”. Podemos definir **meditação** como aquela percepção pela qual compreendemos o caráter vazio e transitório de tudo o que nos rodeia externamente e de tudo o que experimentamos no mundo. Só a Eterna Percepção, em si mesma, é real. Ela é uma função da consciência imortal do Eu Superior, que vive em unidade com a Lei da Justiça e da Renovação. Nesse caso, não se trata da percepção disso ou daquilo. Trata-se da percepção em si, sem objeto.

NOTA:

[1] "The Surangama Sutra", Charles Luk / Lu K'uan Yu , Rider & Co., London, 1966, 262 pp., ver pp. 3 e seguintes.

Aprender Teosofia e Inglês Uma Oportunidade Para Ampliar Horizontes

Será interessante aprender teosofia e praticar inglês ao mesmo tempo?

O e-grupo **SerAtento** está submetendo uma ideia aos seus pouco mais de 200 membros, aos leitores do website www.filosofiaesoterica.com, e aos leitores dos blogs www.teosofiaoriginal.com e www.vislumbresdaoutramargem.com. A proposta é dirigida aos que gostam da língua inglesa e querem aprimorar ou manter ativos os seus conhecimentos desse idioma, enquanto ampliam seus conhecimentos de teosofia clássica e acompanham a atual transição mundial, olhando para ela desde o ponto de vista da filosofia esotérica.

Observando o panorama internacional atual do movimento teosófico, a coordenação do **SerAtento** avalia que deve-se criar uma versão em língua inglesa do e-grupo que funciona há vários anos em ligação direta com o site www.filosofiaesoterica.com.

Neste novo e-grupo se usará exclusivamente o idioma inglês, mas alguma assistência poderá ser dada individualmente, em paralelo, aos brasileiros e portugueses que participarem do grupo, para que se superem certas dificuldades ocasionais na compreensão dos textos. Os atuais recursos de tradução online serão um recurso natural para a aprendizagem do inglês durante a participação no e-grupo. Ao mesmo tempo, se estará prestando um serviço ao movimento teosófico internacional.

Para comentar esta ideia, mandar sugestões ou fazer desde já suas pré-inscrições, os leitores devem escrever para lutbr@terra.com.br. (U. E. de T.)

“Quem Está Mais Adiantado?”

A Arte de Fazer Comparações

Um esforço de longo prazo na busca da sabedoria mostra que, quando a meta é suprema, o realismo é indispensável. Sem discernimento, não há como evitar a derrota.

Um exemplo prático da necessidade de bom senso está no fato de que, nas primeiras etapas do aprendizado, o estudante pode ter vontade de saber se algum outro estudante está mais atrasado ou mais adiantado que ele no caminho.

A tentativa de saber “quem está mais na frente” na caminhada não leva a nada.

Quem hoje parece brilhante e dedicado pode revelar-se, amanhã, como alguém que não tem perseverança. Aquele que agora parece ter enormes limitações talvez experimente um grande despertar dentro de cinco anos, ou de cinco dias.

Comparar-se com os outros é inútil, se não for prejudicial, mas o estudante pode comparar-se consigo mesmo.

Será que ele é um indivíduo melhor, hoje, do que há dez anos? Ele está tomando providências para que amanhã pela manhã seja um melhor ser humano do que é hoje? E no próximo ano?

Ele tem certeza de que o tempo da sua vida não está passando em vão? Em que aspectos ele pode melhorar a eficiência da sua caminhada?

Aprender com os outros não implica especular sobre se eles são “mais adiantados”. Ensinar aos outros não é motivo para supor que se é “mais evoluído que eles”. Interessa, isso sim, aumentar o seu próprio nível de eficiência energética, concentrando a mente na sabedoria, na cooperação entre todos, e no ideal de uma vida correta.

Interessa examinar se o esquema referencial e o processo de pesquisa, de ensino e aprendizagem de que se faz parte são legítimos e abertos ao exame crítico. Cabe ao estudante saber se a fonte dos ensinamentos é autêntica, e fazer o melhor que pode, de modo sustentável, numa perspectiva de tempo que inclui várias encarnações.

Um Processo Interno e Sutil

O Significado de Associar-se à LUT

Pergunta:

O que significa, exatamente, associar-se à Loja Unida de Teosofistas? Afinal, a LUT propõe uma visão vivencial e não-burocrática do movimento teosófico. Isso não tornaria o ato de associar-se inútil, ou pelo menos desnecessário?

Comentário:

